

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria das Dores da Luz Simões

registada em 2009-02-05
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Maria das Dores da Luz Simões

Maria das Dores Luz Simões nasceu em Lisboa a 5 de Março de 1946, na Rua das Farinhas, freguesia São Cristóvão. O pai é Albano Simões e a mãe Zulmira Alexandrina da Luz. O pai trabalhava na agricultura. “Ele andava assim à jorna, todos os dias.” A mãe “ainda é uma modista boa”. No tempo de escola Maria das Dores não ia para o campo. Frequentou a escola até à quarta classe, na Benfeita, mas por opção deixou de estudar. Começou a namorar muito cedo, desde a escola. Guardavam-se um ao outro. Nunca namorou com mais ninguém. Recorda o dia em que casou, com 21 anos e ele com 23 e diz ter sido um dia muito feliz porque casou com quem gostava. Aprendeu costura ao pé da mãe e foi nisso que trabalhou até casar. Já depois de casada foi para África, para junto do marido, e por lá viveu até a filha ter 9 anos. Depois viveu em Pombal, durante três anos, ocupada com a costura e o quintal. Regressada à Benfeita, foi na costura que continuou a trabalhar, até hoje.

Índice

Identificação Maria das Dores Luz Simões.....	4
Ascendência Albano Simões e Zulmira Alexandrina da Luz.....	4
Infância Muitas brincadeiras e muita inocência.....	5
Educação Uma educação muito rica.....	8
Casa Uma casa já moderna.....	9
Religião A doutrina: o antes e o depois.....	10
Namoro O primeiro e único amor.....	11
Casamento Um casamento maravilhoso.....	13
Descendência Um percurso de vida diferente.....	16
Percurso profissional Um trajecto variado, mas sempre ligado à costura.....	16
Costumes Uma cultura muito rica.....	18
Lugar Tanta coisa para ver na Benfeita.....	26
Quotidiano Hábitos enraizados.....	26
Sonhos Um simples sonho.....	27
Avaliação A gente tenta passar os valores que tem, mas é difícil.....	27

Identificação *Maria das Dores Luz Simões*



Maria das Dores com 17 anos (Benfeita, 1963)

Chamo-me Maria das Dores Luz Simões. Nasci em Lisboa a 5 de Março de 1946. Acho que na Rua das Farinhas, freguesia São Cristóvão.

Ascendência Albano Simões e Zulmira Alexandrina da Luz

O meu pai é Albano Simões e a minha mãe Zulmira Alexandrina da Luz. O meu pai era da agricultura. Cavava a terra e rachava a lenha e essas coisas assim. Cavava-se muito as oliveiras. Agora não. Põe-se herbicidas, mas antigamente nada. Era tudo cavado à mão. Não havia tractores aqui, não havia nada. Só nas grandes sementeiras é que havia a junta de bois. Mas era nas grandes sementeiras.

De resto era tudo cavado à mão. Com ancinho, pronto, tudo manual. E ele andava assim à jorna, todos os dias. Para outras pessoas. E andava sempre assim no campo.

Vivia muita gente só a comer da terra. Arrendavam grandes fazendas e tinham muito milho, muito feijão, muita batata. E tinham muitos animais, gado: galinha, coelhos. Praticamente viviam da terra. A minha irmã ainda hoje vive da terra. A minha irmã trabalha muito na terra, é muito sacrificada e tem muitos animais. Ela praticamente não compra nada por fora. Abastece a casa dela com tudo o que faz com o trabalho dela. Apesar de o marido trabalhar, mas praticamente é ela que governa a casa, com as coisas de casa. Eu não. Em casa da minha mãe tínhamos, mas não era muito. Era pouco, mas também tínhamos batatas, também tínhamos cebolas, também tínhamos alguma fruta, hortaliça e essas coisas. O que é de carnes, pronto era tudo comprado porque a gente tinha poucos animais. Se a gente tivesse quatro ou cinco cabeças de gado era muito. E tínhamos galinhas, tínhamos essas coisas assim. A minha mãe tomava conta das galinhas porque estavam perto de casa. O meu pai era dos outros animais que estavam na fazenda.

A minha mãe foi modista. Ainda faz algumas coisitas embora ela não possa. Graças a Deus ainda é viva. A minha mãe toda a vida foi a mulher e o homem da casa porque o meu pai o que ganhava era para ele. O pouco que ganhava naquela altura. Ela é que punha o comer, é que comprava as roupas, é que comprava essas coisas todas para nós. Eu lembro-me de a minha mãe dizer que metia mais no cesto do almoço do meu pai do que ele ganhava por dia.

Infância Muitas brincadeiras e muita inocência

Entre o campo e a costura

Vim para a Benfeita com ano e meio. Foram sempre aqui na Benfeita as minhas brincadeiras. Lembro-me de muita coisa. Eu vim para aqui pequenina, depois tive uma infância como todas as outras miúdas. Quer dizer, sempre mais franzina, era mais miudinha que as outras devido a problemas de saúde que mais tarde se vieram a relevar.

Ia com o meu pai para a fazenda. Fui sempre com o meu pai para a fazenda guardar as ovelhas, guardar as cabras, ajudar no que eu podia. Eu andava sempre mais com ele, enquanto mais pequena. Eu o tempo de escola não ia para o campo. Era só nas férias é que ia para o campo com o meu pai, porque no tempo da escola isso era sagrado, eu não faltava à escola por causa de ir para o campo. Até

porque o nosso campo era bastante longe tínhamos que andar quase uma hora a pé de caminho para lá e outra para cá. Então eu só ia nas férias realmente, mas não gostava de ir para o campo. Nunca gostei de ir para o campo. Apesar de saber fazer o trabalho todo, não gostava de ir para o campo.

Frequentei a escola até à quarta classe cá na Benfeita também. Continuei a andar com o meu pai. Depois já tinha a minha irmã, preferia a fazenda do que costura e então eu fiquei na costura ao pé da minha mãe. A minha mãe era modista, e ainda é uma modista boa. Eu estava mais à face da costura de ajudar a minha mãe na lida da casa e a minha irmã era mais então para a fazenda.



Maria das Dores (Lisboa, 9 de Dezembro de 1947)

"Naquele tempo poucos brinquedos haviam"

Jogava muito à macaca, jogava muito ao feijão. A gente fazia uns buracos no chão e depois com uns feijões fazíamos tudo para ganhar os feijões que caíam para o buraco. Então a gente quando via assim os feijões mais bonitos... Levávamos de casa, porque queríamos ganhar era os feijões mais bonitos.

Tínhamos outro que era um quadrado e depois a gente saltava com os pés juntos, mas não me lembro bem como era esse jogo. Eram assim os jogos que a gente tinha nos recreios da escola.

Quando acabava a escola a gente brincava. A gente tem aí os conchilhos que eu às vezes mostro à minha neta. Os conchilhozitos com os ovinhos vermelhos. Então os conchilhos era a batata frita, aquelas coisas vermelhinhas eram os ovos estrelados. Brincávamos assim a fazer comeres. Brincávamos assim muito. Quer dizer agora já não há estas brincadeiras. A gente brincava com isso, brincava a fazer comeres, brincava a sermos: uma era a dona de casa outra é a filha a outra é o médico. Brincávamos assim todos. A gente não tinha nada. Era em pedras, aquelas pedras, chamam xisto. E a gente ajeitava aquela pedrinhas mais lisas eram os pratos e fazíamos assim porque naquele tempo poucos brinquedos havia. Só aquela que tivesse mais posses talvez é que teria os brinquedos, mas também não vinha trazer para a rua.

Havia cá muita madeira, tábuas e faziam assim uma espécie de triângulo com as tábuas. A gente então metia-se dentro daqueles triângulos e as tábuas eram as nossas prateleiras para a gente meter as brincadeiras. E brincávamos assim a correr umas atrás das outras. Eu nunca fui muito de correr, cansava-me muito. Brincávamos à corrida. Brincávamos ao anel. Tínhamos um anel e depois fazíamos assim nas mãos das outras cachopas e depois perguntávamos quem é que tinha o anel e se adivinhassem depois era a outra que andava com o anel. Também era ao lencinho. Fazíamos uma rodazinha, depois trazíamos um lenço na mão e corríamos por a parte de fora com o lenço. Púnhamos depois atrás de uma menina e se ela não visse, a gente chegava lá a dava-lhe assim um encontro e seguíamos em frente. Se ela visse o lenço, então rodava ela e eu é que tinha que rodar para o lugar dela. Quando não, ela apanhava-me e eu tinha que ficar no meio. Fazíamos assim muitos jogos. Assim muitas parodiazitas.

Também tínhamos bonecas. A minha mãe comprou-me uma vez uma boneca muito bonita na feira, mas essa boneca eu não podia andar com ela que podia estraga-la. Mas havia assim outras bonequitas plásticas. Pronto para nós já era muita coisa. Uma boneca plástica já era muito. A gente também levava as bonequitas, brincávamos com as bonecas. Era muita inocência antigamente ao pé de agora.

Educação *Uma educação muito rica*



Maria das Dores com 4 anos (1950)

"Era da primeira até à quarta classe"

A quarta classe fiz aqui na Benfeitá. Era só uma escola. Que eu me lembre era só uma. Quando eu era miúda havia outra escola, mas sempre foi uma escola na Benfeitá. Fosse ali ou além era sempre aqui uma escola. O edifício era uma sala grande. Éramos muitos alunos porque era da primeira até à quarta classe. Eram rapazes e raparigas. Era só uma professora para todas as classes. As aulas era assim: a senhora professora mandava fazer um trabalho à segunda classe, mandava fazer um trabalho à terceira. Quer dizer mandava fazer trabalhos separadamente a cada classe. Depois chamava para leitura à quarta classe ou para a leitura à terceira classe, ou para ir ao quadro. Ela tinha que fazer tudo

em conjunto, mas cada uma estava a fazer o seu trabalho. Mas éramos muitos. Éramos talvez mais de 40 porque eram as quatro classes. E só tínhamos uma professora e depois a professora mandava as outras que sabiam mais dar tarefa às outras que sabiam menos. Era assim.

Depois das aulas ainda ia eu para casa dela para ver se aprendia melhor, para ver se andava mais para a frente porque a minha mãe gostava que eu fosse estudar, mas eu nunca gostei de estudar. Eu andava na escola porque tinha que andar na escola, porque eu nunca, nunca puxei para estudar. Mas graças a Deus a nossa quarta classe é melhor que eu sei lá... Em África diziam que não se acreditavam e mesmo nas Meirinhas onde eu estive ninguém se acreditava que eu só tinha a quarta classe. Eu ia muito além em problemas. Eu não faço contas com os dedos. Eu faço os problemas de cabeça, eu faço as contas de cabeça. Eu não preciso de contar com os dedos. Achavam que eu tinha mais estudos, mas não tinha. Só tenho a quarta classe. Porque também não quis estudar. Foi opção minha não querer estudar.

"O dia do exame era nervosismo"

Fazíamos já os exames na passagem da primeira, na passagem da segunda. Depois era o exame já da terceira, que já é de exame. E depois tínhamos o exame da quarta que tínhamos que ir a Arganil fazer. Da quarta classe. Prova escrita e prova oral.

O dia do exame era nervosismo, o medo de a gente ficar mal. Porque vinham já as professoras do Monte Frio e da Cerdeira a fazer de júri. Então a gente ia fazer o exame da terceira classe e depois estavam as outras professoras. A gente podia calhar mal ou calhar bem. Era uma de cada vez fazia a nossa prova. A da terceira classe foi assim. Da quarta classe fomos a Arganil um dia fazer a prova escrita e depois um dia fazer a prova oral. Lembro-me ainda do rei que me calhou, lembro-me da lição que me calhou. Lembro-me dessas coisas todas.

Casa Uma casa já moderna

A casa da minha mãe tem três andares, mas um em baixo é loja, outro é um andar de baixo todo amplo. É um salão todo amplo que era onde eram os bailes e depois temos em cima que era a casa onde vivíamos. Tinha dois quartos, o quarto da costura, uma sala, uma cozinha e uma casa de banho.

Tenho uma irmã. Uma, e outra que é irmã do mesmo pai. Só do mesmo pai. Vivíamos todas juntas. Depois ela mais tarde casou já com 50 anos. Dormíamos as três no nosso quarto. Tínhamos uma cama pequena, tínhamos uma cama

grande. Na cama grande dormia eu e a minha irmã que ela é mais nova cinco anos do que eu. E na outra ao lado mais pequena dormia a outra minha irmã que não anda. Mas dormíamos todas no mesmo quarto.

A cozinha já era com azulejos. Que eu me lembre já era com azulejo e mosaico no chão. Já, já era assim. Antigamente, antes do meu pai vir para a Benfeita, usavam essas fogueiras, chamavam de chaboço ou chaboco ou não sei como é que era. Quer dizer, faziam a fogueira. Aquilo tinha um bordo onde se sentavam à volta e faziam a fogueira e faziam ali a comida. Eu já não me lembro disso nos meus pais. Já não me lembro de ver essa cozinha nos meus pais, não.

Religião *A doutrina: o antes e o depois*

"Tínhamos que ir todos os domingos mesmo à missa"

Fiz a Comunhão Solene. Naquela altura íamos todas vestidas de branco. Para nós foi uma grande alegria porque éramos umas noivas, íamos todas de branco. Frequentei a catequese e fiz a Comunhão Solene. Depois também tínhamos a Cruzada que a professora nos fazia ir todos os domingos com uma faixa, para a missa com uma cruz vermelha. Então íamos com aquilo, ou então com as batas brancas porque ela fazia questão da gente ir todos os domingos ir assim para a missa com aquilo. Tínhamos que ir todos os domingos mesmo à missa. Era assim uma faixa traçada com uma cruz. A gente tinha que ir com aquilo. Devia ter algum objectivo, mas eu não me lembro. Sei que a gente ia com aquela faixa que era a Cruzada, chamavam a Cruzada.

A catequese aqui é diferente de agora. A catequese era tudo em geral e era o padre que nos dava a catequese. Portanto a gente enquanto andou na escola tivemos catequese. A partir da escola, da quarta classe fazíamos a Comunhão Solene. Quem queria seguia a vida de igreja, quem não queria não seguia. Eu depois fiquei na costura. Não ia à catequese. Já tinha feito a Comunhão Solene não ia à catequese. Mais tarde a minha mãe é que era a catequista. Esteve há volta de 40 ou 50 anos como catequista.

"Agora é uma catequese melhor"

Antigamente a gente íamos todos em conjunto rapazes e raparigas independentemente de serem mais velhos ou mais novos e o senhor padre dava catequese a todos. Era uma catequese mais simples. Então dava assim a catequese

todo por junto. Era mais uma explicação da vida de Cristo, da vida de Nossa Senhora, dessas coisas assim. Agora é mais complicado porque temos aqueles anos. É muito diferente. Consoante é o ano da criança a gente passa mais à frente. Quer dizer o primeiro ano ensina-se o Pai Nosso, a benzer. O segundo ano já se tem que ensinar mais algumas coisas. O terceiro ano fazem a Primeira Comunhão já têm de saber mais alguma coisa e pronto vamos assim. O sexto ano fazemos a Comunhão Solene. Que é o que agora estou a dar é o sexto ano. A minha neta anda no décimo para fazer o Crisma. Já lemos a bíblia, já pegamos na bíblia, já mandamos procurar aquelas partes, aquelas coisas todas. Agora é uma catequese melhor. Que se a pessoa quiser sabe mais as coisas dos evangelhos, dessas partes todas e antigamente a gente não sabia. Era só Deus Nosso Senhor era o que a gente sabia.

Namoro O primeiro e único amor

"Já guardávamo-nos um ao outro"

Comecei a namorar muito cedo, de escola. Foi praticamente de escola. Nunca tive outro namorado. Pronto, tive mais rapazes, mas namorado, namorado só tive o meu marido. Eu devia ter os meus 11 anos, mas não namorávamos. Já guardávamo-nos um ao outro. Ele tinha 13 eu tinha 11, mas guardávamo-nos já um ao outro

Houve cá umas festas muito bonitas. Veio cá a Nossa Senhora de Fátima percorrer as aldeias e então houve aqui uma grande festa. Fizeram muita flor muita coisa. Foi desde essa altura que a gente começou a guardar-se mais um ao outro. Estávamos assim mais... Ele andava a ajudar também a fazer os arcos para as festas e eu andava nas flores. Depois íamos para as debulhas malhar o milho e eu queria ir. Não queria ir por causa do milho, queria ir também para o ver. Era assim. Mas ele gostava de mim e eu gostava dele. Quer dizer, não era namoro como agora. A gente gostava de se ver. Se fosse para um bailarico havia a mania:

- "Pronto namoras comigo já não podes dançar com mais nenhum."

E o meu marido tinha essa mania. Eu namorava com ele, mas já não podia dançar com mais ninguém. Depois eu tinha muitos rapazes. A minha mãe queria que eu dançasse com os outros rapazes, e o que é que eu fazia? O que é que eu havia de fazer? Ligava um pé. Ou porque tinha esfolado um pé ou porque tinha... E depois a minha mãe dizia assim:

- "Louvado seja Deus. Esta rapariga nas festas está sempre coxa, está sempre doente."

Não era. Deus me perdoe esse pecado, mas não era. Era eu que fazia isso porque assim a minha mãe não me obrigava a dançar com quem me vinha convidar e o meu marido ficava contente, porque eu não dançava com os outros. Era assim que a gente fazia.



Maria das Dores com 15 anos (Lisboa, 1961)

"Ficou doente por causa de eu lhe dar um beijo"

A sério que a minha mãe autorizasse só quando ele foi para a tropa, mas a sério, a sério foi quando eu fiz 15 anos. Então eu vim de Lisboa nessa altura tirar uma fotografia e o meu marido fez-me uma espera, pediu-me em namoro e eu aceitei. A minha mãe não sabia porque a minha mãe queria que eu só começasse a namorar com ele quando ele fosse para a tropa. Tinha medo que a gente... que acontecesse alguma coisa. Estava habituado muito comigo desde criança e que fosse para a tropa, que visse outras e que se começasse a afastar de mim. A minha mãe tinha esse medo. Então queria que a gente começasse a namorar mais tarde.

Que ele fosse para a tropa e depois se ele realmente gostasse de mim então sim. Se não gostasse então pronto.

A gente começou a namorar eu tinha 15 anos e ele tinha 17. Porque ele tem mais dois anos do que eu. Eu só dei-lhe o primeiro beijo muito mais tarde. Quando lhe dei um beijo já devia ter sei lá, alguns 18 anos. Que eu lhe dei beijo. Ai sim, sim. Eu lembro-me que ele ficou doente. Ficou cheio de dores de cabeça porque eu dei-lhe um beijo. Que ele não esperava. Ele já me dava às escondidas. Ai da minha mãe que visse, porque se a minha mãe visse levava. Mas às escondidas dava-me ele. Eu só dei naquela altura.

De resto não havia mais nada. Era só realmente um beijo fugido mais nada. Era só assim. Ele a guardar a mim e eu a guardar a ele e ir para os bailes. Quando lhe apetecesse dançar dançávamos, quando não apetecesse eu tinha que estar ao canto. Passei muitas vezes por irmã dele porque eu estava realmente sempre agarrada a ele e ele sempre agarrado a mim. Agarrada não é uma boa expressão. Encostados um ao outro sempre nos bailes ou em qualquer lado. A gente estávamos os dois encostados um ao outro e passámos muitas vezes por ele ser meu irmão e eu irmã dele porque andávamos sempre juntos. Mas de resto eram uns namoros bonitos simples. A gente casava, ia com aquela expectativa toda. Como é que é um homem, como não é um homem. Como é que é dormir com um homem. A gente ia com essas expectativas todas. Agora não. Agora já sabem tudo e mais alguma coisa.

Casamento *Um casamento maravilhoso*

"Pedi em casamento aos meus pais"

Ele pediu-me em namoro. Se eu queria namorar com ele. Eu disse que sim. Mais tarde, depois eu disse:

-Tens que falar com os meus pais.

E depois ele falou com os meus pais, mas mais perto de ele ir para a tropa. E então depois escrevia-me. Em lugar de uma carta por semana escrevia-me duas ou três, mas eu tive a sorte que ele vinha muita vez cá à Benfeita porque era o amparo da mãe e da avó. Ele era bom tropa, era amigo lá dos mais altos. Tinham estima. Então deixavam-no ir. Quase mês sim, mês não estava cá um mês de férias. Tivemos essa sorte também porque estávamos mais juntos. E ele esse mês tinha que trabalhar na carpintaria e eu continuava na costura.

Depois pediu em casamento aos meus pais. Eles também já sabiam. Porque a gente andava sempre juntos, já mais ou menos sabiam, mas pronto. Pediu e

eles lá autorizaram. Mas autorizar, autorizar foi pouco antes dele ir para a tropa que a minha mãe autorizou.



**Casamento de Maria das Dores e Eliseu
das Neves Fonseca (Benfeita, 1967)**

"Foi um dia muito feliz"

Lembro-me o dia em que me casei. Eu casei com 21 e ele com 23. O dia do casamento foi um dia diferente de agora. A gente no tempo em que me casei, há 41 anos, já as pessoas iam mais bem vestidas, já havia outras prendas. Não era como antigamente. Antigamente até emprestavam as alianças uns aos outros porque não havia dinheiro. Eu lembro-me ouvir contar que emprestavam uns aos outros até o véu para pôr na cabeça. Até inclusivamente emprestariam blusas e roupa uns aos outros. Os que tinham mais aos que tinham menos, emprestavam para casar. Eu não. Eu levei um fato que gostava, um fato que escolhi muitos anos antes. Gostava assim daqueles vestidos. A minha mãe fez-me tudo. Fizemos um casamento como era na altura. Aqui na Benfeita. Foi na casa dos meus pais

e numa garagem de um vizinho porque a casa dos meus pais já era pequena. Eu já levava cento e poucas pessoas.

O meu marido ia com o fato tradicional, não era preto. Aqui antigamente era o fato preto. O meu marido levava castanho. E eu ia vestida de branco porque merecia. Eu merecia ir vestida de branco. Levava o meu ramo, a minha flor de laranjeira no vestido. Levava essas coisas todas, porque realmente a gente merecia isso. Antigamente só levava a flor de laranjeira quem realmente merecesse. Quem não merecesse já não levava não é? Então eu merecia e levava tudo. Foi tudo direitinho, foi tudo certinho. Fui como eu gostava. Fui como eu queria ir. Foi um dia muito feliz porque também casei com quem gostava. Foi tudo bem.

Foi um casamento com três refeições. Assim como mais tarde fiz à minha filha igual. Com três refeições. No dia do casamento ao meio dia, à noite e ao outro dia ao almoço. Eram assim aqui os casamentos. Aqui era sempre o cozido, arroz de fressura, carne assada com batatas assadas. Depois também tinham filetes. Os doces era a tigelada, o arroz-doce, a tapioca e coscoréis e pão-de-ló. Tínhamos o bolo de noiva que naquela altura era feito cá na terra que era um pão-de-ló bordado e depois outro mais pequeno e depois outro mais pequeno assim em pirâmide. Eram assim os doces tradicionais da terra.

Um lar construído aos poucos

A gente foi viver numa casita, mas foi pouco tempo que ele foi logo para África. Eu mandei-o à casa de banho mais depressa para eu me deitar. Mandei-o buscar água, e ele mais que depressa também me virou as costas para se despir, porque quer dizer, era aquela coisa. A gente nunca tinha estado assim um ao pé do outro. Namorávamos, dávamos um beijo, mas ao pé do outro assim não. Era bonito isso. A gente ia com aquela ideia, o que é o que não é, e agora não. Agora já tudo sabe tudo e mais alguma coisa.

Fomos morar para uma casita. Fui para minha casa. Depois a minha mãe arranjou-me a casita muito bem arranjadinha. Tinha uma casa muito jeitosinha. Com coisas simples, coisas baratas. Nada de mobiliários caros que não tinha. Não era nada diferente, mas antigamente quem tinha mais possibilidades comprava mobília de quarto, mobília de sala, essas coisas todas. Eu não. Eu costumava dizer, foi arranjada com a prata da casa. O meu marido comprou-me umas cadeiras e uma mesa e tínhamos um guarda-fato. Ajeitamos assim a casinha. A minha sogra mandou-me escolher uma cama. Por acaso essa cama era do senhor embaixador. Do nosso embaixador, doutor Marcelo Matias. Era da casa deles. A minha sogra fazia lá os trabalhos em casa e deu-lhe aquela cama. A gente

mandou arranjar a cama. Tinha realmente essa tal cama bonita de ferro. O meu marido fez, que a minha mãe desenhou, uma banca que servia de toucador e tinha um banquinho também feito por ele. Na sala tinha uma mesa que comprámos e tínhamos como carpete uma manta de farrapos no chão e era assim. Tínhamos assim as coisas. Simples, mas giro.

Só tinha um andar. Tinha um quarto e uma sala, uma cozinha e uma marquise. Também já era a cozinha. Já tinha o meu fogão de gás, já tinha essas coisas. Uma casita de banho que não era casa de banho. Tinha um lavatório que levei da minha mãe. Era daqueles lavatórios antigos de esmalte. E um bidé também de esmalte e pronto, lavávamo-nos assim.

Descendência *Um percurso de vida diferente*



Marido Eliseu, filha Elsa e Maria das Dores, num casamento

A minha filha tem o emprego dela. Nunca gostou de costura, nunca gostou de campo. Nunca gostou de nada disso. A minha filha não. Então está no emprego dela e a minha neta idem, idem. Também não gosta nada disso. Nada que seja costuras nada que seja campo. Se lhe peço uma ajuda para ir ao campo não vai porque pode sujar as mãos, essas coisas assim...

Percurso profissional *Um trajecto variado, mas sempre ligado à costura*

"Devo ao meu marido de estar aqui viva"

Fiz a Comunhão Solene, depois fiquei na costura. Até me casar fiquei na costura. A minha mãe foi modista e eu era costureira. Eu era assim serviço mais ligeiro. A minha mãe fazia vestidos de noiva e tailleurs e casacos compridos. Eu isso não faço. Saias e blusas e vestidos, eu faço. Agora a partir daí já é outro altar que já não me atrevo a isso. Depois casei-me.

Namorei, casei, fiquei cá na Benfeita. O meu marido é que foi para África. Fiquei em casa da minha mãe. Tive a minha filha. Nasceu também sem tempo, porque já era derivado também aos meus problemas. Continuei a estar na minha mãe, na costura e essas coisas todas e a cuidar da minha filha. Quando ela tinha ano e meio fui ter com o meu marido. Aí já foi pior. Aí já foi um tempo muito triste porque tive muitos problemas de saúde, sofri muito, ele sofreu muito, a minha filha sofreu muito. Passámos muita dificuldade derivado a mim, à minha doença. Os primeiros anos sofremos lá muito, depois pronto melhorou.

O meu marido aqui era carpinteiro. Ele quando casou passou para 1000 escudos por mês. Quando casou. Então tentámos ver se ele ganhava mais alguma coisa. As pessoas imigravam para África. Ele tinha lá pessoas cá da Benfeita conhecidas. A gente pediu e chamaram-no e ele foi a ver se ganhávamos mais. Fomos e eu fui lá ter com ele, mas depois tive muitos problemas de saúde, foi muito difícil.

Logo que cheguei lá tive uma trombose. Logo que lá cheguei. Era a minha filha pequenina, tive logo uma trombose. Eu melhorei. O meu marido primeiro esteve lá numa merceariazita, atendia ao balcão, mas depois chateou-se. Mais tarde pensámos em ele sair dali e ir trabalhar por conta própria. Então foi tomar conta de uma machamba de algodão. Fomos para outra territa também lá em Moçambique e comprámos uma casita. Uma casa velhota, mas pronto era nossa. E ele estava na machamba.

Lá em África estive sempre muito doente. Depois tive um aborto de seis meses, muitas complicações. Estive às portas da morte. Mesmo às portas da morte. Isso devo ao meu marido de estar aqui viva porque nem todos faziam o que ele fez. Naquela altura 35 contos era muito dinheiro e ele não quis saber do dinheiro, pediu emprestado e fretou-me um avião porque eu só podia vir de avião fretado para África. Para Lourenço Marques. Por causa do problema do coração. Quer dizer foi do problema do aborto de seis meses, mas que se desenrolou essas

coisas todas depois do coração. Então as pessoas cá da Benfeita diziam que não fosse parvo que eu não chegava a de manhã, que não fosse parvo que ia ficar empenhado toda a vida. Ele disse:

- "Eu posso ficar empenhado toda a vida, mas faço tudo o que puder."

E levou-me. Bendita a hora que ele me levou, porque realmente salvou-me. Se não me levasse não me salvava. Depois estive três meses em Lourenço Marques. Ele esteve lá um mês ao pé de mim e depois veio embora. Tínhamos a Elsa pequenina. Veio-se embora e eu estive mais dois meses lá. Depois fui para Portugal ser operada.

No fim, de volta à Benfeita

Fiquei em África até virmos embora. Entretanto vim cá a Portugal ser operada depois tornei a ir. Ora a minha filha tinha 9 anos. Ela foi com ano e meio, estive lá há volta de oito anos em África. Voltámos para a Benfeita, sim. Uns meses só. Só uns meses até arranjarmos trabalho cá para fora porque ele aqui tinha que ir dar serventia a pedreiro que a gente não trouxe nada. Inclusivamente tiraram-nos a nossa casa, tiraram-nos tudo. Então a gente não trouxe nada. Tivemos que começar do zero. Ele foi para ajudante de pedreiro. Trabalhava aí nas obras.

A gente tentou arranjar por fora que ele gostava de... a vida dele, o sonho dele não era carpintaria, o sonho dele era camiões. Então a gente tentou arranjar. Teve sorte que se arranjou lá para Pombal para um camião. Depois fomos para Pombal para as Meirinhas. Três anos. Ele foi primeiro, arranjou lá casa e depois fui eu e a filha. Sempre trabalhei na costura. Tinha as minhas clientes, fazia costura para lá para elas. Mas também tínhamos o quintal. Galinhas não, era coelhos e tínhamos o quintal, mas mais o que eu me dedicava era realmente a costura.

Depois é que viemos para cá de vez. Continuei na minha costura. Continuei com as minhas clientes. A minha mãe com as dela e eu com as minhas. Embora eu quando precisasse de qualquer coisa fosse ter com ela porque ela dava-me as explicações que eu precisava. Era assim. Continuei sempre na costura, o meu marido continuou sempre chofer de pesados em Côja. Até agora. Ainda faço costura.

Costumes *Uma cultura muito rica*

Sempre com a dança nos pés

A gente aqui tínhamos muitos bailaricos. Muitos bailaricos. Havia os pavilhões no tempo do São João. O meu pai abria a porta para o baile no dia de Natal. Acabava no dia de Carnaval. Era ao sábado à noite e ao domingo à tarde e à noite. Nós mais pequenas também queríamos dançar, também andávamos no meio dos bailes. Levávamos muitas pisadelas porque aquilo era uma sala pequena e muita gente. O meu pai chegava a arrancar as janelas porque o calor era tanto que não se suportava o calor dentro da sala.

Depois tínhamos a Quinta-feira dos compadres que é perto ao Carnaval. Tiravam os compadres e as comadres, uns papelinhos. Faziam os rapazes para um lado, as raparigas para o outro. Depois aquilo era sorteado. Tirava um rapaz, tirava uma rapariga. Então ficávamos os compadres durante o ano. Depois tínhamos a valsa do bufete. Todos os bailes era a valsa do bufete que íamos. O meu pai vendia uma ginjinha e anis e capilé. Chamavam capilé. Então todos os bailes o par que a gente andasse a dançar era a valsa do bufete, a gente tinha que ir ao bar beber. Quem queria bebia um refresco, quem queria bebia uma ginjinha. Eles bebiam vinho ou bebiam o que entendessem, mas a gente ia ao bufete todos os dias que havia baile.

Fazíamos aqueles fados muito grandes que saíam da casa do meu pai. Davam a volta toda à Benfeita e parávamos aqui, parávamos além a fazer o fado trabalhado. Não era só o fado, fado. Trabalhava, dava aquelas voltas. Tínhamos muitas maneiras de dançar o fado em cruz. Era muito bonito, era muito bom. Agora não há nada disso. Com muita pena não há nada disso.

As caqueiradas

Oh, também havia no tempo da Quaresma mandarem caqueiradas. Lembrome muito bem. Antigamente só iam à fonte com cântaros à cabeça. Então às vezes partiam-se ou a asa ou furavam-se e guardava-se esses cântaros para o tempo da Quaresma. Não sei se era na Quaresma se era no Carnaval. No Carnaval. Então mandavam caqueiradas. Aquela pessoa que se descuidasse com a porta aberta, eles iam abriam a porta a jeitinho e mandavam com o cântaro para dentro de casa. Estrçalhava-se o cântaro, a gente é que tinha que limpar os cacos. Mas às vezes iam caqueiradas boas. Levavam braços de cebolas dentro do cântaro, outras

vezes levavam assim outras coisas dentro do cântaro e mandavam e aparecia isso tudo. Mas no geral era só a caqueirada mesmo. Muita caqueirada que punham estes malandros destes rapazes novos. Havia essa moda das caqueiradas. Ainda hoje há. Hoje já não é tanto. Havia ali uma velhota em baixo, coitada todos os anos ela descuidava-se. Tinha sempre a porta aberta. Coitada, todos os anos ela tinha lá caqueiradas com fartura. Mandam. Abrem a porta de jeitinho, mandam e fogem.

"O primeiro a roubar-se é ao Regedor e é ao Juíz de Paz"

Pelo Carnaval tinham uma maneira muito engraçada aqui na Benfeita. Quer dizer, tinham a quinta-feira das comadres e tinham o dia do leite. O Sábado Gordo era destinado a guardar o leite. Havia muito gado. Tudo tinha gado. Então tudo ia roubar leite. Os rapazes novos, porque havia muita mocidade. Quando eu me casei eu levava alguns 20 rapazes novos solteiros. Cá da Benfeita. Então tudo fechava, trancava as portas do gado.

O meu pai dizia:

- "O primeiro a roubar-se é ao Regedor e é ao Juiz de Paz.

Havia muita mocidade e tudo ia roubar. Uns para um lado, outros para o outro. Tudo roubava leite. Então iam primeiro aos cabecilhas. Depois as pessoas ao outro dia ralhavam, iam ter com o regedor, iam ter com o Juiz de Paz. Ele dizia assim:

- "Então eu estou na mesma circunstância. Também me roubaram a mim."

Por isso mesmo era a eles primeiro. E arranjavam muito leite. Então depois traziam para a casa do meu pai. Enchiam panelas, aqueciam e bebiam o leite todo. Nem guardavam nada para mim que eu gosto muito de leite. Bebiam tudo. Havia essa paródia do leite que também acabou. Era Sábado Gordo.

"Foi sempre a mania de roubarem os vasos no São João"

Nos santos populares têm a mania de nos roubar os vasos. Ainda este ano me levaram. Roubam os vasos todos para a fonte. Levam tudo. Os vasos que a gente tiver. Se a gente se descuidar de os arrecadar carregam os vasos todos para a fonte e depois a gente tem que carrega-los ao outro dia. Foi sempre. Foi sempre a mania de roubarem os vasos no São João.

O dado é só São João, mas às vezes também levam no Santo António. Eu quando estou disposta e me lembro, escondo. Mas quando não escondo lá vai tudo. Vai lá tudo. Ainda este ano foi. Depois temos que ir os buscar. É assim.

O rancho da aldeia

Também tivemos um rancho em que eu era a da frente. No rancho dançavam. Falavam para aqui, para ali no tempo das festas e a gente ia. Andava eu, o meu marido e a minha filha. Andávamos os três. O meu marido, era tesoureiro. Tinha que andar sempre na frente. Eu quando era preciso dançar também dançava. Quando faltava uma, dançava eu. E a minha filha sempre andou no rancho. Eu não tinha problema. Eu ia para as terras, parava, eu ia pedir a este, aquele e aquele. Eu tinha que arranjar dinheiro para o rancho. E tenho muita pena de ter acabado. Tenho muita pena de ter acabado porque era uma coisa boa na terra.

O meu marido também pertenceu à Liga, também estive lá muito tempo na Liga. Também fazia petiscos na Liga, fazia café. O café à moda da tia juíza que era a avó dele, que era feito numa panela. Não tínhamos outro café. Era na panela. Espetávamos café para dentro e eu vendia a chávenas de café. Tudo bebia nas festas porque não havia máquinas. A gente fazia e vendia fêveras e caldo verde e essas coisas. Alinhava sempre ao lado dele a ajudar a fazer essas coisas.

"Não há homens, há mulheres"



Festa da Nossa Senhora da Assunção (Agosto, 1988), Dores (à dta. com vestido azul)

A Irmandade da Senhora da Assunção estava para acabar. Não havia mulheres na Irmandade. Aqui eram contra as mulheres na Irmandade. Então tentaram acaba-la. Foram entregar tudo ao senhor Prior e que saíam da Irmandade. A gente fez todos uma reunião com o senhor Prior e a gente não queria deixar acabar a Irmandade. Dissemos se podiam entrar mulheres. Entrámos logo 12. Então essa pessoa que queria entregar a Irmandade também já não quis sair. Ficou. Não havia gente porque as pessoas não querem encargos. Querem a vida facilitada. Tudo que seja encargos...

Não havia para a mesa, porque para a mesa é preciso juiz, preciso secretária, preciso tesoureiro e dois vogais. Então não havia ninguém para isso. Não havendo para isso o senhor Prior não aceitava que a Irmandade continuasse. Então apareceram logo. Apareceu logo o juiz, apareceu logo a secretária, o que é mulheres. Só o juiz é que é homem. Portanto apareceu logo gente para isso. Estou a fazer os cabeções para ela, que a gente alinhou a não deixar acabar. Porque acaba tudo. Deixámos acabar o rancho, contra minha vontade que tive que dar o dinheiro para a Liga e eu não queria dar porque era nosso, era do rancho não era da Liga. Tive que o dar. Estava em nosso nome ainda. Estava em nosso nome, mas era do rancho. Eu tive que o dar contrariada, muito contrariada. Porque agora eu não sei onde é que ele está e eu sabia que ele estava ali. Agora queriam acabar a Irmandade, não pode ser. Temos que andar para a frente. Não há homens, há mulheres. Então vamos nós.

A Irmandade é só para funerais e quando há festas. Temos a festa do Santíssimo que vai estas Irmandades que é a daqui, Pardieiros e Sardal. São as três Irmandades, diferentes. Uma é azul, uma é vermelha, uma é verde. Há a festa da Nossa Senhora da Necessidades que é as três. Porque é a freguesia. É as três Irmandades também. Há então a de Agosto que é só a nossa. É só a nossa Irmandade. E depois há os funerais que a gente tem de ir aos funerais.

"Se a gente estiver à espera dos homens tudo se encosta"

A padroeira é a Santa Cecília. Aquele painel que está ao pé do altar, em cima, é a padroeira daqui. Santa Cecília. Houve sempre procissões. O meu pai foi sempre da Irmandade. Foi sempre da frente. As colchas, pôr pétalas de flores quando passam os andores. A festa do Santíssimo não leva andores, é só o Santíssimo. A festa da Nossa Senhora da Assunção de 15 de Agosto, leva os andores todos. Que as pessoas pegam. E agora já pegam mulheres, porque se a gente estiver à espera dos homens tudo se encosta porque ninguém quer levar. Mas as mulheres levam.



Festa da Nossa Senhora da Assunção (15 de Agosto de 1989)

Andámos aqui muitos anos que a Santa Rita aqui ao lado não saía porque não havia ninguém que a levasse. Ficou depois o bairro do tanque a enfeitar e a levar. E levámos, mas agora houve umas divergências, umas polémicas que a gente é que mandava. Então a Santa Rita vai, mas já não é o bairro do tanque. Já pega quem quiser. É assim.

Eram com mais gente. Agora é menos gente, mas com muito mais gente porque havia muito mais gente. Cada casa tinha cinco e seis pessoas e agora está tudo fechado. Está tudo de portas fechadas. As pessoas morrem, uns vão para a cidade. Preferem viver debaixo da ponte do que vir cavar batatas, porque é assim mesmo. Preferem viver lá mal, que a gente sabe que há gente de cá que vive lá mal, mas estão na cidade e a cidade é que é linda. Então preferem, do que estar aqui.

"Faço os meus enchidos"

Eu todos os anos, não crio porco, mas mato porco. Porque compro e mato para fazer o meu enchido, as minhas coisas. Temos comprado um porco vivo e matamos. Tenho um caniço. Fiz um caniço para ser independente. Ter as minhas coisas. Então compro. Agora há um ano e tal dois para cá só compramos metade só mesmo para enchido e salgar o presunto. Compro mais dois presuntos por fora que tenho uma senhora em Coimbra que está sempre à espera dos presuntos

que a gente cá seca e arranja. Uma professora lá. Está sempre à espera. E faço os meus enchidos com a outra carne.

Eu só faço as morcelas. A morcela de arroz, que chamam a morcela de arroz, a de carne e a de bofe. Só faço essas. Não faço as "polmeiras" (de polme), as farinheiras. Essas não faço. Como não gosto não faço. As morcelas é com sangue, gorduras. Eu faço assim: a gente mata o porco, depois temos os alguidares. A carne mais gordurenta vai para as morcelas. A carne mais medianazinha com gordura e com carne vai para as de carne porque precisam também de levar gordura quando não, ficam muito secas. E o enchido muito seco... Há pessoas que só querem fazer as chouriças de carne com o lombo e com essas coisas, mas esse enchido não presta, não fica bom porque fica muito seco. Então a gente põe aquela carne que é mais fêveras que gordura para um alguidar e a outra também que chamamos a carne traçada com a gordura e fêveras para as do bucho. Quer dizer temos os alguidares à volta e vamos cortando a carne e escolhendo assim. As morcelas então, leva depois os temperos todos, leva sangue e farinha. Enche-se e vai para o fumeiro.

As do bucho também a mesma coisa. A gente tempera a carne, põe sangue, põe os temperos todos. Também leva sangue leva arroz e os temperos todos. Carne e arroz. Vai tudo cru. A chouriça é que se põe a cozer. Põe dentro da tripa do bucho e depois leva a cozer. Tem água a ferver com sal e põe-nas a cozer. Às vezes temos o azar de rebentar alguma, mas é o que se come primeiro. Às vezes temos azar, mas outras vezes não temos azar. Outras vezes não rebenta nenhuma. Cozem-se depois tiram-se e guardamos no frigorífico. Na arca. Ainda tenho que fazer um alguidar delas para o meu genro.

Temos as de carne que ficam três dias temperadas. Costumo deixar três dias. Todos os dias a mexer de manhã e à noite. Fica temperadinho e depois ao fim de três dias enche-se e vai para o fumeiro. Depois no fumeiro sempre lume brandinho, lavam-se bem lavadinhas e agora já temos as arcas para as pôr. Antigamente era nas panelas com o azeite. Agora não.

Aproveitamos as tripas do porco porque as do porco não dá para tudo. Um são largas demais para as de carne outras são estreitas demais para as de bucho. Então compra-se para as de carne e as outras faz-se com as tripas do porco. É tripa que a gente compra nas feiras para as de carne. As de morcelas a gente aproveita a tripa do porco e as do bucho e as de arroz também aproveita a tripa do porco. Ai, são muito lavadas. A gente vai à ribeira, esfola. A minha mãe ensinou-me a esfolar com um gancho. São esfoladas as da morcela. As outras são todas lavadas também. Aquelas gorduras todas tiradas, todas muito bem lavadas, só depois é que se utilizam. E depois ainda ficam de um dia para o outro com aguardente e rodela de limão. Ficar aquilo ali assim muito bem lavado. A gente pode comer a pele do enchido. As outras de carne a gente compra. Compra na feira aquelas

tripas secas, vêm para casa, são muito lavadas, muito lavadas e também ficam assim com aguardente e rodela de laranja ou de limão.

Pratos tradicionais

Arroz de fressuras, portanto, a gente comprava aquele gado, aquelas ovelhas que matavam. Tirava-se a carne para assar. E depois aquela fressura dos animais fazia-se com arroz. É as miudezas dos animais. É muito bom.

Doces era arroz-doce, tigelada, leite creme, coscoréis e pão-de-ló. A tigelada é com ovos, leite e açúcar. É doce tradicional da terra. Em tachos de barro. O processo todo é bater os ovos bem batidos, depois é uma tigela de leite e uma tigela de ovos. Depois açúcar a gosto, uma casquinha de limão, pedrinha de sal e depois vai a cozer no forno em tachos de barro.

A tapioca é comprada. Vem em caixinhas. Compra-se e depois faz-se como o arroz-doce. Igualmente como o arroz-doce. Leva menos tempo a fazer, mas é igualmente como o arroz-doce. A tapioca sim, já era um doce tradicional do antigamente.

Uma Torre de homenagem

Eu da Torre da Paz sei pouco. Sei que foi no 7 de Maio que acabou a Guerra. Desde aí dá as badaladas. Sei que dá tantas badaladas quando dias de guerra que houve. Acabou a Guerra ao dia 7 de Maio e por isso é que toca aquele dia. Vamos lá cantar as modas do 7 de Maio. Às vezes vem aí gente. Já tem vindo gente, excursões no dia 7 de Maio aqui acima à Torre, mas história verdadeiramente, verdadeiramente eu não estava cá. Sei que acabou a Guerra e que começaram a dar as badaladas no sino por acabar a Guerra. Ficou assim o Sino da Paz. Há aí um senhor que anda de cadeira de rodas, esse é que sabe a história mesmo do Sino da Paz.

"Lembro-me de o meu avô contar que via as bruxas dançar"

Lembro-me do tempo das bruxas, de ouvir contar e dos lobisomens. Eu lembro-me disso tudo. Eu lembro-me de ser pequenita e chamarem a minha mãe.

- "Ó Zulmira, você não ouviu esta noite? Passaram aí uns lobisomens."

Lembro-me de o meu avô contar que via as bruxas dançar e lembro-me de ouvir essa mulherzita dizer para a minha mãe se não tinha ouvido passar os lobisomens. O meu avô dizia que via-as a dançar no vale. Morava lá acima no

outeiro. Lá para cima. Diz que as via ali naquela zona chamam a eira. Dizia que as via lá dançar. Antigamente havia aqui isso. Lembro-me de um tio nosso contar que ia para regar e faltava-lhe a água. Tornava a ir para regar, faltava-lhe a água. Depois ficou à espreira na poça. Porque a gente tem poças para deitar. Ainda hoje há as poças para deitar e para regar. Então viu uma mão a tapar. Ele vai com o sacho e ao outro dia andava a comadre dele com o braço ao peito. Ele contava isso. Agora se era verdade se não era...

Lugar *Tanta coisa para ver na Benfeita*

Antigamente havia só a fonte do fundo e havia a fonte da praça. Que são aqueles chafariz que estão na praça. Não havia mais fontes. Era à bicha para encher os cântaros. Era cântaros à cabeça que as pessoas levavam. Então era à bicha. Vinham às vezes de noite para a fonte para apanhar vez, porque era só uma fonte. Depois mais tarde é que fizeram muitos chafariz por aí. Mas era só uma.

Há muita coisa para ver. Tem o Caminho do Xisto. Farto-me de ensinar. Muitos não me percebem porque são estrangeiros, mas eu farto-me de ensinar para onde hão-de ir. Por acaso nunca fui, mas gostam muito. As pessoas que vão gostam muito.

Têm aqui a piscina. No Verão é muito bom, tem muita gente. Tem também aqui este quiosque. Veio aqui abrir, também dá muito nome aí à terra. E é uma terra que tem muita iluminação. À noite é muito bonita. No Verão isto aqui é muito bonito. Até no Inverno, mas a gente, eu principalmente como não gosto muito de chuva nem do tempo frio pronto. Mas há pessoas que apreciam. Estão aí uns estrangeiros que eu ainda ontem perguntei, disse que estava tempo mau e ele disse:

- "Lindo! Lindo!"

Quotidiano *Hábitos enraizados*

Ainda temos algumas batatitas

Agora só faço as minhas vidas, os meus enchidos, as minhas coisas. As minhas possibilidades nunca foram de andar no campo. Para ser operada duas vezes ao coração... E várias operações que tenho. Nunca fui muito de andar no campo, mas ainda temos algumas batatitas, algumas cebolas, feijão, favas, assim pequenas coisas, nada de muitas coisas. Apanhamos azeitona, fazemos o

nosso vinho das nossas coisas. Essas coisitas assim mínimas, mas nada de grande monte. Por enquanto só tenho galinhas, mas quero arranjar os coelhos por causa do meu marido ir tomar conta.

Uma ligação à igreja sempre viva

Ao domingo, tenho que ir ao grupo coral cá da Benfeita. Dou catequese, sou catequista e é assim. Há muito pouca gente. Eu até estou a dar dois volumes e só tenho quatro miúdos. Não é como antigamente. E agora são muito mais irreverentes, custa muito mais dar catequese que eles são rebeldes, irreverentes. A gente batalha, batalha porque queríamos que ficasse alguma coisa, mas não fica. Também agora é um bocadinho chato porque as crianças são obrigadas a andar até ao décimo ano e realmente é chato. Eles depois quando acabam a catequese já tudo foge para seu lado, já ninguém aparece na missa. É raro aquele que já vai à missa ou que frequenta essas coisas, porque já fica tão enfrascado que já não vai. Realmente só quem tem valores de querer ficar e querer continuar é que segue.

Agora até secretária da Irmandade sou. Também tomo conta da capela do Senhor dos Passos e da Santa Rita, também. Do cofre, da Santa Rita e do Senhor dos Passos. Da Santa Rita é a vizinha que a limpa, mas o cofre tomo conta eu. Tomo conta do Senhor dos Passos desde que cá cheguei, já de solteira. Depois entreguei quando fui para África, depois tornei a pegar. Estou sempre em actividades. Estou sempre para isto ou para aquilo. É assim.

Sonhos *Um simples sonho*

Queria ter alguma saúde eu e os meus e haver muita paz. A gente está numa situação muito bamba. Então haver muita paz. Eu acho que isto está tudo bem. Acho que temos um presidente da Junta à altura e que tem feito tudo o que pode e muitas vezes o que não pode por isto.

Avaliação *A gente tenta passar os valores que tem, mas é difícil*

Acho que fazem bem. Nós mais novos pouco sabemos do antigamente, mas pelo menos a gente ouvia os nossos antepassados. A gente nova não sabe nada um dia. Não sei o que é que elas pensam. Quer dizer esta juventude está muito virada ao contrário. Penso eu. Não há valores. A gente tenta dar valores. Poderá ficar-lhe alguma coisa dentro. Eu acredito que sim, mas a gente tenta passar os

valores que a gente tem, mas é difícil. Temos em gerações difíceis, gerações rebeldes.